



Chryst Chrystello*

Da MGF à apostasia (parte 1)

Só com mutilação genital feminina (MGF) ou circuncisão feminina é que os islâmicos acreditam na fidelidade das mulheres mesmo tapadas da cabeça aos pés? Ainda bem que não sou islâmico e tive mais sorte. Os deuses estiveram comigo, mas Alá não.

Estive casado com uma mulher fiel a quem não foi necessário fazer o que Alá acha justo, bem sei que ela (felizmente) não era mouroa geneticamente (apenas lisboeta e benfiquista) e isso pode contribuir. De qualquer modo, não lhe fizera isto. Já quanto às outras que foram infiéis, ficarei para sempre na dúvida se não as deveria ter enviado primeiro para o califado.

Atualmente, há 200 milhões de raparigas e mulheres que sofreram mutilação genital. Em que países? Por que razões? E quais são as consequências? A mutilação genital feminina (MGF) refere-se aos procedimentos que envolvem a remoção parcial ou total dos órgãos genitais externos femininos ou qualquer outra lesão nos órgãos genitais das mulheres sem justificação médica. Tradicionalmente, a circuncisão é feita com uma lâmina e sem qualquer anestesia. Quem está com Alá não sente a dor. Apesar de ser reconhecida como uma violação dos direitos humanos, cerca de 68 milhões de raparigas continuam em risco de sofrer mutilação genital até 2030. Em que países é praticada a circuncisão feminina? A MGF concentra-se principalmente em 30 países na África e no Médio Oriente, mas também é praticada nalguns países asiáticos e da América Latina e ainda entre comunidades que provêm destas regiões.

Apesar de ser ilegal na UE, alguns dos Estados-membros condenam o ato mesmo quando é feito fora do país; estima-se que hoje em dia vivam cerca de 600 mil mulheres na Europa que foram vítimas de MGF e que outras 180 mil raparigas ainda estejam sob risco em 13 países europeus. As feministas, as esquerdistas de vanguarda, as #me too e outras andam a leste deste problema. Pena não lhes aplicarem a elas.

Não sou islamófobo e acredito num multiculturalismo que já não existe, pois já não somos tratados com equidade nem respeito. O Islão, para mim, representa sumariamente uma nabo, uma seita, uma ideologia (religião? Nunca!) Atrasados, retardados, primitivos! Se me oponho ao Islão conquistador e agressivo das violações, degola e demais barbaridades, eles são os que se opõem aos avanços da civilização ocidental e querem retroceder à Idade Média das trevas. Chamem-me islamófobo, vocês que são civilizacionófobos: ao contrário do que muitos pensam, não é uma metáfora científica e social para explicar o enorme aumento das doenças alérgicas no mundo moderno, associado ao estilo de vida urbano, à poluição e a ambientes excessivamente limpos. Sim, os sarracenos recusam-se a seguir as normas sociais estabelecidas. Rejeitam a escolaridade ou a cultura dita “erudita” por considerá-la elitista. Preferem um estilo de vida mais livre, primitivo ou isolado. Todas as noções do mundo ocidental nestes últimos 200 anos são liminarmente rejeitadas pelo Islão estagnado no ano 647. O Islão é uma ideologia (a religião anda atrelada) que exclui a vida dos infiéis, ou islâmico ou morto seria a melhor forma de o descrever. Recusa-se a seguir as normas sociais estabelecidas. As mulheres não podem estudar e têm de andar todas tapadas, seja com burca ou outro instrumento de tortura visual.

Na Arábia há um raro oásis: Há poucas exceções: em seus campi só para mulheres, as **estudantes de universidades da Arábia Saudita se libertam**. Tênis da moda, blusas coloridas, uma infinidade de penteados. Algumas experimentam com luzes nos cabelos ou até tintura azul. As mais aventureiras também deixam o cabelo curto. Em suas bolsas, os livros didáticos são variados, mas um item é obrigatório: um vestido preto que vai até o chão no estilo abaya (abaia ou aava), de que cada uma delas precisa para se cobrir na hora de sair dos portões da universidade e voltar ao mundo externo. A Arábia Saudita gasta bilhões de dólares para melhorar a educação de mulheres, como parte de um incentivo maior para melhor preparar os jovens sauditas para o mercado de trabalho. Isso quer dizer campi reformados, melhores estruturas e programas de pesquisa e uma pequena expansão no currículo para mulheres. Durante anos, o Rei Abdullah tem tomado ações esterecedoras para reduzir as restrições que afetam mulheres no reino, onde a palavra dos clérigos Wahhabi, rígidos e ultraconservadores, é praticamente lei. Mas um olhar dentro das universidades femininas que surgiram nas últimas décadas ilustra como a mudança só aconteceu até certo ponto. Dentro do campus — um mundo estritamente de alunas, professoras e funcionárias — as mulheres têm algumas liberdades maiores. Mas fora delas, elas permanecem atadas a uma rede de costumes e rigidez religiosa. As mulheres são mantidas segregadas dos homens, barradas de direitos simples como conduzir e obrigadas a aderir a um código de vestimenta estrito que geralmente requer que elas cubram os cabelos e o rosto com um véu negro. Elas

são controladas pelas vontades dos parentes homens e precisam da permissão deles para trabalhar, ir à escola e viajar dentro das “leis de guarda”. Por causa dessas restrições, segundo as ativistas dos direitos das mulheres, a tentativa do rei de modernizar a nação rica em petróleo sempre fracassará. “Não importa o que aconteça, as mulheres ainda estão presas pelas leis de guarda dos homens e normas culturais rígidas”, afirmou Aziza Yousef, professora da Universidade Rei Saud, para mulheres. “Se você tiver sorte e seu guardião for bom, você poderá avançar na vida sem problemas. Se você estiver numa família onde o guardião for rígido, sua vida será paralisada.”

Dito isto, esclarecemos dez coisas que a mulher na Arábia não pode fazer: Buscar justiça (de verdade) contra agressões:

1. Buscar justiça (de verdade) contra agressões. A Arábia Saudita aprovou apenas em 2013 a criação de leis contra a violência doméstica e o abuso sexual. Mas a punição dada é geralmente uma multa em dinheiro. Segundo um estudo de 2013 feito com informações dadas por 200 mulheres casadas ouvidas na cidade saudita de Jeddah, pelo menos 44,5% delas relataram ter sofrido agressões dos maridos — mas só 6,5% delas buscaram tratamento médico. E mais da metade delas acredita que a mulher merece ser agredida se o marido descobrir uma traição. O agravante é o fato de a tradição determinar que os problemas familiares sejam resolvidos no próprio meio familiar. A imprensa relata um caso em que uma jovem foi estuprada por um gangue. Por causa disso, ela foi punida pela Justiça e recebeu mais chibatadas do que os agressores.

2. Viagens sem um guardião: as mulheres só podem viajar com a companhia ou a autorização de um guardião (um mahram), um homem da família como o pai, marido ou irmão. O governo já disse recentemente que pode levantar a restrição e permitir que a mulher viaje sem a permissão dos familiares, mas a medida tem grande risco de ser vetada pelos religiosos. Já em território saudita elas circulam sem guardiões até mesmo nas áreas mais tradicionais. Segundo Débora, as mulheres vão trabalhar sozinhas e voltam às vezes andando quando estão perto de casa, ou usam vans — com outras mulheres e um motorista. “Em Riad, elas até usam aplicativos como Careem e Uber para ir ao shopping ou sair para comer só com as amigas”, conta.

3. Conduzir: as mulheres são impedidas há décadas. Segundo clérigos, mulheres motoristas minam os valores sociais e prejudicam seus ovários, colocando as futuras gestações em risco. Em setembro de 2007, um grupo de mulheres criou a primeira associação no reino para reivindicar o direito de conduzir. O habitual é que as autoridades detenham as motoristas e apreendam o veículo, até que um tutor — um homem da família — se apresente na delegacia e assine um documento no qual garanta que a infração não vai se repetir. “Conheço várias mulheres que reclamam por não poderem conduzir, um absurdo, gostariam de sair sozinhas. Mas, muitas concordam com a lei e adoram terem motorista para levá-las para cima e para baixo. Isso basta para muitas delas”, conta Débora.

4. Vestir a roupa que quiserem. A vestimenta exigida para as mulheres segue a interpretação da sharia. Elas devem usar a abaya, um longo vestido preto de manga longa que cobre totalmente o corpo. Elas também devem cobrir os cabelos com um véu, mas não necessariamente o rosto todo. Débora diz que a liberdade de vestimenta pode ser maior (ou não) dependendo do quanto a família é conservadora. “No meu trabalho, só posso usar saia longa e blusa de manga comprida. Mas as alunas podem usar o que quiserem. Mesmo assim, a maioria delas continua de abaya quando entra no curso, e as que escolhem ir de calça comprida enfrentam os olhares das alunas mais conservadoras, que consideram haram [pecado] usar calça mais justa. Débora diz ainda que a polícia religiosa tem uma rígida fiscalização. “Aqui é obrigatório cobrir o rosto. Em cidades grandes como Riad, Jidda e Danam, nenhuma mulher é obrigada a usar o niqab para cobrir o rosto; mesmo assim, a grande maioria usa.” O mesmo vale para a maquiagem. Mas, segundo Débora, a grande maioria das mulheres usa (e abusa) da maquiagem. “Elas vão super maquiadas para a faculdade e para o trabalho. O que não pode é fazer a sobrancelha — tirar os pelos não pode, mas fazer o desenho com descolorante é permitido.”

Continua

*Jornalista, Membro honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)